

CONVERSAS SEM FIM NOS CONFINES DO COMEÇO

A vinda de Otávio Guilherme Alves Velho a Belém e Marabá, quarenta anos após seus trabalhos iniciais na profissão de antropólogo, apresenta-se como uma conversa em que os assuntos vão desfiando a trama do Sul e Sudeste do Pará para tornar-se região ao mesmo tempo em que agentes sociais são dados a conhecer pelo livro de Otávio – hoje amarelecido e raro – manuseado que foi por gerações de estudiosos das transformações do dinâmico espaço da fronteira. Em sua obra os agentes sociais são identificados de forma diversa como integrantes do campesinato, engajados nas atividades de mineração, no duro trabalho da siderurgia, como empresários rurais, comerciantes, membros da sociedade civil, do governo e do estado, entre tantas identidades, forjadas na luta por um lugar ao sol, quase sempre difícil dadas as intensas chuvas que assolam a região.

Otávio Velho fez a viagem da volta ao terreno onde, de fato, sempre esteve encarnado e materializado no diálogo com trabalhos acadêmicos produzidos ao longo das quatro décadas celebradas pelo evento *Fronteiras na Amazônia*. Suas palavras reverberaram no espaço em que, pelos clássicos que escreveu seu nome, tantas vezes foi evocado por estudiosos das frentes de expansão. Na conferência de abertura do evento, incluiu-se, ele mesmo, no rol dos que lhe citam e voltam ao seu trabalho para discutir pertinências. O bom do retorno é que vem sem nenhum incômodo que a homenagem pudesse provocar. Veio com ânimo de quem (re)começa, como sábios que acumulam ao longo da construção do saber, reconhecidamente limitado e, por isso, sempre passível de revigorar-se pela superação.

Na presença de colegas, ex-alunos e novos discípulos, Otávio Velho reflete sobre o valor do trabalho de campo e seu impacto na construção da compreensão do mundo, de si mesmo e do outro, tão caros à Antropologia no momento de sua vinda a Marabá, no final dos anos 1960. O autor pontua todos os elementos que teriam dado dimensão histórica e consistência acadêmica ao seu estudo. Ele evoca o seu orientador acadêmico, Roberto Cardoso de Oliveira, personagem marcante na Antropologia brasileira pelas contribuições como intelectual e formulador de programas de pós-graduação no Museu Nacional, na

Universidade de Brasília e na Universidade de Campinas. Reconhece, o homenageado, a importância da observação, do registro, da experiência vivida no campo e do diálogo com os teóricos que lhe influenciaram na construção de sua perspectiva antropológica.

A fala transcrita do antropólogo é texto rico de sentimento, razão, rigor, vigor e honestidade no desnudar potencialidades e limites dos meandros do pensar o mundo em transformação. Ele demonstra e assume ter ficado magnetizado pela região, pelo acompanhamento do que nela ocorria, ocorreu e ocorre, reinterpretando-a por meio da volta freqüente ao material recolhido quarenta anos atrás, e da leitura de autores que se exercitam no mesmo terreno. A conferência feita em Belém expõe as ferramentas com as quais lapidou sua obra de intelectual, reconhecida nacional e internacionalmente. Essas ferramentas são os teóricos com os quais dialoga, além da realidade empírica registrada nos cadernos de campo, das orientações de iniciados em pesquisas, da participação em bancas de julgamento de dissertações e teses feitas com base no mesmo terreno temático e *locus* físico, as reflexões produzidas em outros campos, inspiradas em trajetória que teve como partida, a fronteira. O domínio da linguagem se manifesta pela elegância e esmero com que diz o que viu e interpretou, atraindo e conduzindo o leitor e espectador pelas sinuosidades do conhecimento complexo e que não pode e nem deve ser simplificado, tal qual as frentes de expansão que analisa.

Raymundo Heraldo Maués oferece, em sua intervenção, elementos teóricos estruturais que permitem uma leitura precisa da obra de Otávio Velho no contexto em que é construída. Ao revelar a fonte alimento do professor e colega, ele demonstra os conceitos fundamentais elaborados por Cardoso de Oliveira, que foi seu mestre e de Otávio Velho. O conceito de colonialismo interno, utilizado sobretudo no conhecimento de grupos étnicos, no bojo de uma trajetória intelectual intensa e interativa com outros intelectuais de peso, como Darcy Ribeiro, Pablo Casanova, Gonzalo Aguirre Beltrán, Jacques Lambert, Gunnar Myrdal e C. Wright Mills, é um dos marcos da mudança de paradigma da Antropologia brasileira na década de 60 e 70, do século XX, assim como dos conceitos de fronteira e campesinato. A mudança teria consistido na saída do culturalismo dominante para abordagens sob influência do estruturalismo, marxismo e da sociologia francesa. Heraldo Maués situa a projeção dos conhecimentos

antropológicos e as transformações ocorridas neste campo pelas manifestações nas reuniões da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), referência das abordagens teóricas em processo. A reunião da ABA em 1966, em Brasília, e a viagem de campo de Otávio Guilherme Velho para a microrregião de Marabá, no mesmo ano, são os pontos de partida da análise sobre a mudança de paradigmas e do papel das contribuições teóricas de Velho nesse processo.

Delma Pessanha Neves elege os camponeses, como alvo, para abordar as contribuições de Otávio Guilherme Velho. Ela demonstra a forma como o autor se posiciona frente ao texto que constrói, o que favorece a compreensão do leitor para analisar a perspectiva e os objetivos que o homenageado pretende alcançar na interpretação dos dados colhidos em campo. A autora mostra as possibilidades de leituras abertas pelos textos de Velho, por conta da forma de exposição que foge aos enquadramentos dogmáticos e reificados das categorias de análise, explorando as contradições, as complexidades, as idiosincrasias manifestadas de cada situação, fato e sujeito observado. Ela utiliza um conjunto de textos do antropólogo, tendo como centro do debate o campesinato, produzidos e publicados ao longo dos quarenta anos compreendidos entre 1966 e 2006. Delma demonstra a riqueza e coerência de sua abordagem, o que faz com que sejam sempre pertinentes e, portanto, atuais. Ela dedica sua exposição aos iniciados nas Ciências Sociais, alertando sobre pontos importantes na atividade de leitura e absorção de conceitos e categorias, o que torna sua intervenção uma contribuição singular.

Lívia Navegantes e Luiza Mastop-Lima apresentam uma leitura do território paraense nos últimos dez anos (1996-2006), com base em dados e vivências acumulados pelos membros do Laboratório Socioagrônomo do Tocantins (LASAT). As autoras oferecem uma visão panorâmica da dinâmica social na Região Sudeste do Pará, pela percepção de um grupo de pesquisadores acadêmicos que mantêm intenso diálogo e parceria com o movimento social expresso fundamentalmente pela ascensão do campesinato e da inserção da atividade de pesquisa na cena das disputas políticas naquela área e o que esta ascensão representa no contexto regional. O texto insere-se no diálogo com Otávio Guilherme Velho oferecendo lastro para a compreensão das projeções contidas na obra do

autor, o caráter de frente de expansão se materializando com o acirramento das contradições indicadas nas pesquisas feitas na década de 70.

Os povos indígenas presentes na Região Sul e Sudeste do Pará são sujeitos presentes no trabalho de Otávio Velho e ganham ordem de grandeza no debate, fazendo parte do diálogo pelas reflexões de Jane Felipe Beltrão. Senhores do território sob estudo, os índios têm os direitos ameaçados pela fronteira, fato demonstrado pela análise que, para além da constatação, indica que, hoje, como ontem, são relegados ao não-reconhecimento de seus direitos ao território em transformação, ainda que se manifestem com veemência em ações diplomáticas ou diretas, mal entendidas pelo conjunto da sociedade brasileira. Contextualizando as contribuições de Otávio Guilherme Velho na trajetória de sua formação intelectual, a autora revela como os antropólogos temperados nas atividades de campo brandem argumentos com força e pertinência que somente a associação entre teoria e prática permite construir.

Nem todo trabalho acadêmico consegue ser reconhecido pela elegância do texto e pela forma de provocar reações, como reflexões, interesses, vontades de se expressar e conversar sobre o que esteja posto para a leitura. Otávio Guilherme Velho tem o dom de ser inclusivo pela capacidade de sedução dos seus escritos. Ao se situar no texto, ele posiciona automaticamente o leitor e o elege parceiro, camarada e crítico. Ao apontar as situações e revelar os sujeitos da ação, as relações que se estabelecem entre os sujeitos e o espaço-território em que se projetam, o autor exige acordos e desacordos dos leitores. É sobre o estilo instigante de Otávio que Gutemberg Armando Diniz Guerra trabalha, comentando como os ciclos socioeconômicos são plenos de humanidade na pluma do homenageado, mantendo a conversa sobre lugares distantes trazidos para as salas de aula, conferências e palestras, em carne e osso. A descrição e análise dos ciclos é a demonstração da atividade humana materializada em personagens que desfilam, agem e representam interesses de suas categorias sociais. Patrões, empresários, castanheiros, posseiros, vaqueiros, garimpeiros, militares, camponeses, ribeirinhos, todos estão ali, compondo o mosaico das representações sociais, cuidadosamente montado e lapidado por Otávio Velho. A conversa se anuncia interminável, inesgotável e proveitosa, sobre os confins que pouco a pouco, mas intensamente, reconhecem os horizontes intelectuais sem descuidarem dos demais segmentos da

sociedade brasileira que desde o começo costumam a cidadania na Amazônia.

À leitura sem mais conversas!

Gutemberg Armando Diniz Guerra
Jane Felipe Beltrão